

JARDIM, João. *Getúlio*. Globo Filmes, Copacabana Filmes, Fogo Azul Filmes e Midas Filmes. 2014. 1h e 40 min.

GETÚLIO

Andréa Ledig de Carvalho Pereira¹

Instigante e, sem sombra de dúvida, ousado, o filme “Getúlio” lançado em maio de 2014, busca retratar um dos momentos mais emblemáticos da história política brasileira: os 19 dias que antecederam o suicídio do Presidente da República Getúlio Vargas. Isso é feito por meio de uma história repleta de intrigas políticas e dramas interiores do personagem principal, vivido por Tony Ramos, ingredientes atrativos ao público. Mas, é a presença marcante de Alzira Vargas — interpretada pela atriz Drica Moraes —, filha e assessora do presidente da República neste cenário político, a meu ver, a grande novidade dessa obra cinematográfica.

Se a trajetória desse homem público já foi tratada em diversas obras literárias e cinematográficas, a presença de Alzira Vargas, filha do então presidente da República e esposa do interventor do Antigo Estado do Rio Janeiro, Amaral Peixoto, no cenário político nacional sempre foi guardada e silenciada em cantos da memória brasileira. No filme, a personagem de Alzira Vargas conduz a trama que tece esse campo da experiência feminina, onde questões da vida privada possibilitam novos modos de socialização política das mulheres. Nesse esforço de desconstrução da oposição mundo público versus mundo privado, interessa aos estudos históricos conhecer o peso das relações domésticas nas formas peculiares de acesso das mulheres à arena política e suas ambiguidades.

É nessa complexa rede de sociabilidades e nas experiências dos espaços público e privados que o filme traz à luz para o grande público a atuação de Alzira Vargas nas tramas políticas que, após o atentado a Carlos Lacerda, antecedem o suicídio de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954.

Principal interlocutora e conselheira política do Presidente da República, a chegada de Alzira a este espaço se deu ainda muito jovem,

¹ Doutoranda do Programa de pós-graduação em Política Social da Universidade Federal Fluminense – UFF.

quando ao terminar os estudos básicos passou a apoiar seu pai nos trabalhos de seu gabinete, atuando como “mata-borrão”. Em 1937, forma-se em Direito como seu pai, escolha que foi preterida por seus 03 irmãos — Lutero Vargas, Manoel Vargas e Getúlio Vargas Filho — e é nomeada auxiliar de gabinete, passando a integrar o Gabinete Civil da Presidência da República, cargo que ocupara durante o Estado Novo e entre 1950-1954, após o retorno democrático de Vargas. A relação profissional com o pai é expressa no filme pela forma de tratamento com que Alzira se dirige a ele no ambiente de trabalho: Patrão. Localiza-se aí, rastros de uma relação de hierarquia entre o Getúlio – chefe de Estado – e a Alzira – auxiliar de gabinete, mas também uma clara necessidade de delimitação de seu espaço profissional.

Nesta experiência profissional, Alzira dominará os hábitos de trabalho de seu pai, como preferências de arrumação de documentos, modos de registros, classificação de papéis por assunto etc. Em sua trajetória, a política não se encontra circunscrita nas atividades desenvolvidas na vida pública, mas também se faz presente na esfera privada, as cenas em que ela e o pai discutem as questões do governo durante as refeições, trazem indícios da interseção entre o mundo público e o mundo privado. No mundo privado, as mulheres souberam exercer poder e influência, opinando sobre as questões de Estado. A intimidade entre Alzira e Getúlio é descrita na cena em que ela lhe amarra os sapatos, o que ele descreve como sendo um segredo entre eles. Nesse modo de intimidade, Alzira, ou melhor, Alzirinha como era chamada, entrelaça sua vida com a vida política do pai e do país.

Ao ingressar no mundo público pelas mãos de seu pai, Alzira se apropria de espaços que lhe foram deixados para sair do círculo restrito à sua volta. Assim, se o trabalho desenvolvido ao lado do presidente da República como auxiliar de gabinete a levou a um universo majoritariamente masculino das relações políticas tão bem retratado no filme; num claro movimento de acatar e desobedecer, Alzira vai buscar nas ações assistenciais formas de resistência — conscientes ou não — de desenvolver meios altamente eficazes de atingir uma posição pública, sem desafiar a autoridade publicamente reconhecida do pai. Tais ações assistenciais inscrevem-se ordinariamente no prolongamento de sua função familiar. As ações no campo da filantropia e da assistência social da primeira metade do século XX moveram as mulheres em direção a novos lugares e novos papéis. O discurso social desse tempo, ao transformar a maternidade no principal papel social feminino e num dever patriótico, conferiu às mulheres autoridade para exercerem no mundo público o que lhes é outorgado no mundo privado, a administração da casa, dos filhos e da família. As ações assistenciais desenvolvidas por sua mãe Darci Vargas,



durante os dois governos de Getúlio, a levaram para além dos muros do palácio na montagem de uma vasta rede de proteção social.

Nessas ações vinculadas ao discurso maternalista, verifica-se um paradoxo: as mulheres vão se apropriar do discurso da diferença sexual que historicamente as excluía da vida pública, para reivindicar sua inserção no mundo público a partir da maternidade, a qual lhes confere as aptidões necessárias ao exercício de determinadas funções, atuando na consolidação da sua cidadania. A mulher será, cada vez mais, apresentada como um ser dotado de certas qualidades, capaz de regenerar a sociedade, imprescindível era a tarefa dessa nova mulher para uma nova sociedade. Mulheres, sobretudo dos segmentos sociais médios, foram então chamadas a “sair” dos seus lares, para exercerem a “maternidade social” e inauguram diferentes frentes de atuação feminina no campo da proteção social, que têm no sentimento “de cuidar” compartilhado em diferentes tempos a matéria política que irá identificar e imprimir às suas trajetórias significados singulares.

Alzira se tornar a primeira dama do antigo Estado do Rio de Janeiro, ao casar-se, em 1939, com Amaral Peixoto, com quem trabalhou no gabinete da presidência, sendo que em 1937 Amaral Peixoto havia assumido a interventoria fluminense. Então, Alzira irá atuar na montagem de uma vasta rede de proteção social na região fluminense e na profissionalização da assistência, com a criação em 1945 da Escola de Serviço Social de Niterói. Apesar de suas muitas travessias junto à mãe e ao esposo, no decorrer da trama, a imagem de Alzira aparece como exclusivamente vinculada a seu pai. Assim, a única fala em todo filme que se refere à sua vida de casada é a que trata da morte de sua sogra e do impacto que este fato teve no imaginário de suas “filhas”, porém, Alzira teve apenas uma única filha, Celina Vargas do Amaral Peixoto, fruto de seu casamento com Amaral Peixoto, fato pouco comum para uma época em que as mulheres tinham proles ainda numerosas.

Na obra em tela, a invisibilidade das funções de Alzira junto a sua mãe e seu esposo leva a um entendimento minimizado de seu papel político. Todavia, não negamos os méritos do filme, as roupas, as fotografias de época, a linguagem utilizada e o ambiente da época formam um quadro que traz novos elementos acerca do papel desempenhado pelas mulheres nas tramas políticas. Na construção de uma trajetória para a personagem Alzira Vargas, o silêncio e as vozes que sobre ela incidem tentam mostrar e dizer algo sobre quem ela foi e o que fez. Nela, são possíveis localizar processos históricos pouco examinados em relação a perspectivas que ampliam a

chegada das mulheres a um campo que tanto reforçam lugares e tarefas de cuidar, marcando-o como campo feminino que politiza seus agentes.

Recebido em 11/10/2014 - Aprovado em 01/12/2014